

Fora de Página

Südaka Magazine

© Südaka Editorial

01 / Outubro de 2026

Cultura – Opinião – Política – Cinema – Livros – Gente ...Tudo Fora da Página

Cultura contra a ignorância – Mais leitores, menos fascismo.



Índice

Editorial: O rosto humano do bloqueio – O sofrimento cotidiano em Cuba para além da geopolítica. (4 páginas)

Opinião: A grande fraude da nova ordem: Milei, Kast, Trump e a fábrica do fascismo institucional. Por Vicente de la Serna. (5 páginas)

Análise: O sistema Bukele, a doutrina Monroe e o novo rosto do autoritarismo na América Latina. (4 páginas)

História: 1492: A destruição que foi batizada como "descobrimento".
Por Sergio Rivera. (4 páginas)

Crítica literária: Romance: *Um Tedeum para a morte. Volume II: A cidade dos mortos.*
Crítica literária de Jack Solo. (5 páginas)

Novos autores – Novos livros: Romance: *Néstor Gimenez: A sombra do tempo: um romance sobre o amor que não ousa dizer seu nome.* /SE. (3 páginas)

Vozes novas e antigas: Poesia: *Alfonsina Storni e A Inquietude do Roseiral:* o grito inaugural de uma poeta moderna. (3 páginas)

Gente: Cinquenta anos de palavras: O círculo literário "El Butacón" celebra seu meio século em Hamburgo. (3 páginas)

Arte latino-americana: Lucot. A cor como arma da memória. Luis Contreras e a atualidade da arte política latino-americana no norte do Chile. Por De Sauda. (6 páginas)

Cinema latino-americano: "Tinta Roja": A joia do cinema peruano que você pode assistir gratuitamente no YouTube e que fará você revalorizar o jornalismo. (4 páginas)

Atualidade latino-americana: A Rede Cerimedo-Negre: O novo rosto do tecnofascismo na América Latina? (4 páginas)

Internacional: A narrativa "robusta" de von der Leyen e a ausência de autocrítica.
2.º Editorial. (5 páginas)

Outros livros, outros autores: José Vargas. *Os {F}* – *Os Invisíveis* de Brian Flores. (1 página)

Impressum: Südaka Editorial / Südaka Magazine e "Fora da Página"

Endereço: Adolf-Todt-Str. 22 – 65203 Wiesbaden – Deutschland.

Südaka Magazine é uma publicação trimestral em cinco idiomas.

Editor: Sergio Rivera – Os artigos, opiniões e conteúdos são da responsabilidade dos seus respectivos autores. A editora atua apenas como meio de publicação e não partilha necessariamente a opinião dos colaboradores.

Web: www.sudaka-editorial.com / E-mail: info@sudaka-editorial.com

A person with long hair, wearing a dark coat and carrying a backpack, stands on a paved path at night. They are looking up towards a bright light source, possibly the moon, which is partially obscured by trees. The scene is dimly lit, with the path and surrounding foliage visible in the shadows.

VICENTE DE LA SERNA

CUANDO NACEN
LAS AUSENCIAS

Südaka Editorial



EDITORIAL

O rosto humano do bloqueio:

Sufrimento diário em Cuba para além da geopolítica

Num hospital em Havana, um bebé prematuro chamado Alejandro, pesando apenas duas libras, luta para sobreviver dentro de uma incubadora. É uma das poucas que ainda funcionam na maternidade Eusebio Hernández Pérez, porque as sobretensões elétricas — cada vez mais frequentes devido aos apagões — danificaram os delicados componentes eletrónicos das restantes. E devido às sanções, importar peças de reposição é quase impossível.

Esta imagem, recentemente documentada por membros da Comissão de Assuntos Externos da Câmara dos Representantes dos EUA, resume o que o bloqueio americano significa na prática para os cubanos comuns: uma luta diária para aceder ao mais básico.

Longe do debate geopolítico e das declarações oficiais de ambos os governos, existe uma realidade tangível de uma população exausta. Este artigo procura responder a uma pergunta simples: o que é que as pessoas têm vivido? E embora o regime cubano tenha a sua quota de responsabilidade na crise, os dados e testemunhos recentes indicam que a asfixia económica imposta de fora atingiu níveis de "fome energética" com consequências humanitárias devastadoras.

A "fome energética": Quando o combustível é uma questão de vida ou morte

A 29 de janeiro de 2026, o presidente Donald Trump emitiu uma ordem executiva que não só reforçou o bloqueio histórico, como acrescentou uma camada de pressão sem precedentes: a imposição de tarifas a qualquer país que fornecesse petróleo a Cuba. Para uma ilha que produz apenas 40% do crude de que necessita e cuja infraestrutura elétrica data da Guerra Fria, esta medida foi o equivalente a cortar o fornecimento de oxigénio.



Especialistas independentes do Conselho de Direitos Humanos da ONU classificaram a situação como "fome energética". Em março de 2026, antes de chegar uma carga russa que mal cobria dez dias de procura, Cuba ficou sem reservas de diesel e fuelóleo. Isto não é um mero dado logístico; é a diferença entre um bloco operatório aceso ou às escuras.

O sistema de saúde cubano, outrora orgulho da nação, é o maior reflexo deste colapso. Segundo o Ministério da Saúde Pública e relatórios da ONU, o atraso em cirurgias ultrapassa as 96.000 operações pendentes, incluindo 11.000 cirurgias pediátricas. Em oncologia, a situação é crítica: apenas um dos seis aceleradores lineares do país para tratar o cancro está a funcionar, enquanto mais de 3.000 pacientes esperam quimioterapia devido à escassez de fármacos.

Dados concretos: As estatísticas que falam de dor

Para compreender a magnitude, é útil olhar para os números publicados por organizações internacionais e pelo próprio governo cubano nos seus relatórios anuais à ONU, embora seja sempre necessário ter em conta que os números oficiais na ilha são opacos e por vezes questionáveis.

No entanto, as tendências são inegáveis e foram registadas por fontes independentes:

- **Mortalidade infantil e materna:** Entre 2018 e 2025, a taxa de mortalidade infantil — que era excecionalmente baixa — disparou 148%. Em fevereiro de 2026, foi reportado que 32.880 mulheres grávidas enfrentavam riscos adicionais porque a falta de gasolina impedia a realização de ecografias obstétricas ou a mobilização de emergência de comissões médicas.
- **Desnutrição e água:** Sem eletricidade para bombear água, mais de um milhão de pessoas dependem de camiões-cisterna ("pipas") para obter água potável. A segurança alimentar deteriorou-se porque não há combustível para transportar os alimentos das zonas de cultivo para as cidades.
- **Fuga de cérebros:** Talvez o indicador mais revelador do descontentamento e do cansaço seja a diáspora. Entre 2020 e 2024, aproximadamente 2,5 milhões de pessoas (24% da população) deixaram a ilha. Os demógrafos independentes acreditam que a população atual pode até ser inferior a 8 milhões de habitantes.

O custo de oportunidade: O que se poderia ter feito sem o bloqueio?

O governo cubano calcula que, entre março de 2024 e fevereiro de 2025, o bloqueio causou perdas superiores a 7.556 milhões de dólares — um aumento de 49% em relação ao ano anterior devido ao endurecimento das medidas.

Para colocar isto em perspetiva doméstica, o ministro dos Negócios Estrangeiros Bruno Rodríguez apresentou uma série de equivalências impressionantes:

- 16 dias de bloqueio equivalem ao custo do cabaz básico de medicamentos para todo o país (339 milhões de dólares).
- 14 horas de bloqueio equivalem ao custo da insulina para todos os diabéticos do país.
- 19 minutos de bloqueio equivalem ao custo das cadeiras de rodas necessárias para as escolas de educação especial.

Estes cálculos, embora provenham de uma fonte oficial, ilustram um conceito económico chave: o custo de oportunidade. Mesmo que se seja cético em relação aos números exatos, a realidade é que hospitais inteiros carecem de reagentes para os bancos de sangue, os eletrodomésticos estão há anos sem reparação e os autocarros públicos não circulam.

Onde fica a responsabilidade do governo cubano?

Seria um erro analisar esta crise sem assinalar as disfunções estruturais do sistema cubano. A situação não é unicamente culpa do bloqueio. Poder-se-ia fazer um paralelo com a União Soviética e décadas de centralismo excessivo, que resultaram em falta de competitividade. A falta de incentivos à produtividade é também um fator a considerar, assim como um sistema cambial dual que afasta o investimento estrangeiro. A militarização da economia (através do Grupo de Administração Empresarial, GAESA) tem, segundo estudos, também contribuído para agravar a escassez.

A incapacidade do governo cubano para implementar reformas económicas profundas durante os períodos de relativa distensão (como durante a administração Obama) também levou o país à beira do abismo atual.

(Foto: Bernhard Staerck)



No entanto, admitir estas deficiências internas não contradiz o facto de que o bloqueio americano é a principal causa da asfixia atual. Mesmo um regime perfeitamente gerido não poderia operar uma rede elétrica sem combustível, nem fabricar medicamentos se lhe for impedido comprar matérias-primas, nem tratar o cancro se as casas-mãe de tecnologia médica (todas americanas ou com patentes dos EUA) estiverem proibidas de vender peças de reposição devido à regra dos "10% de conteúdo americano".

Para além da coerção: O novo macarthismo e a arrogância imperial

A "coerção económica" é um eufemismo frio para descrever o que está a acontecer. Não se trata apenas de asfixia económica; faz parte de uma estratégia deliberada que alguns funcionários da administração Trump descreveram como "aceleracionismo": um plano faseado para colapsar a sociedade cubana, com o objetivo explícito de forçar uma mudança de regime. Relatos de fontes como a Axios e o New York Times revelaram que a Casa Branca procura "esgotar todas as alavancas" possíveis para provocar uma explosão social, evitando ao mesmo tempo uma invasão militar direta que poderia revelar-se impopular. Esta estratégia, que inclui ameaças de ações militares diretas e o posicionamento de navios de guerra, é uma manifestação da arrogância de um império que se atribui o domínio de tudo o que o rodeia apenas devido ao seu poderio militar.

Este novo programa de "Escudo Antiterrorista de Esquerda" cria um quadro onde tudo cabe: desde a crítica à política externa dos EUA até à defesa dos direitos humanos, tudo é rotulado como uma ameaça à segurança nacional.

Esta arrogância manifesta-se também no ressurgimento de um novo macarthismo. O presidente cubano Miguel Díaz-Canel denunciou energicamente o reaparecimento de uma "nova e mais perigosa versão do macarthismo" por parte da administração Trump. Em julho de 2026, o secretário de Estado Marco Rubio convocou uma cimeira internacional para lançar a sua cruzada contra o "terrorismo político da esquerda radical". No âmbito desta ofensiva, o Departamento de

Estado publicou um relatório intitulado "Cuba: Capital do Comunismo do Século XXI", que acusa a ilha de liderar uma campanha contra os Estados Unidos e, sem provas, aponta ativistas, jornalistas e organizações americanas como "companheiros de viagem" ou grupos de fachada ao serviço de Havana. Este relatório serviu de base para assediar organizações progressistas como o The People's Forum, que recebeu intimações judiciais para entregar as suas comunicações internas — uma tentativa clara de silenciar vozes dissidentes.

Este novo programa de "Escudo Antiterrorista de Esquerda" cria um quadro onde tudo cabe: desde a crítica à política externa dos EUA até à defesa dos direitos humanos, tudo é rotulado como uma ameaça à segurança nacional. Os especialistas da ONU já assinalaram que a caracterização de Cuba como uma ameaça à segurança dos EUA "não tem credibilidade" e parece ter sido concebida unicamente para justificar o uso de poderes coercivos extraordinários. Neste contexto, Cuba classificou o bloqueio como um "ato de genocídio" e um "crime contra a humanidade" em plena execução — uma afirmação que, embora politicamente carregada, encontra eco na descrição dos especialistas da ONU que qualificam o bloqueio energético como um "castigo coletivo" contra a população civil.

Uma crueldade calculada

Na maternidade de Havana, as mulheres em trabalho de parto sobem escadas às escuras porque os elevadores não funcionam. Nos hospitais pediátricos, os médicos bombeiam manualmente os ventiladores para manter os bebés vivos durante os apagões. Esta é a realidade do bloqueio: um castigo coletivo que transcendeu a categoria de sanção política para se tornar uma ferramenta de mudança de regime.

Cuba precisa de mudanças, talvez profundas. Podemos discutir sobre liberdade económica e política, mas não com a pistola dos americanos apontada à cabeça. O bloqueio não afeta apenas as empresas americanas, mas todas as empresas que negociam com Cuba. A arrogância criminosa de um império que faz e desfaz pela força e que agora desenterra as táticas do macarthismo para perseguir os seus próprios cidadãos não é a melhor base para resolver o problema de fundo.

Hoje mais do que nunca, Cuba precisa de poder respirar. Enquanto o bloqueio persistir com esta intensidade, o sofrimento de Alejandro, o bebé prematuro, e o dos 96.000 pacientes na lista de espera, serão a única estatística que verdadeiramente importa.

Publicidad Werbung advertising publicité publicidade



Néstor Gimenez

*Amor eterno.
La sombra del tiempo*

ISBN: 9789403917283

142 páginas

Südaka Editorial

*"El amor eterno no es el que perdura en el tiempo,
sino el que, contra todo pronóstico, vuelve a encenderse."*